

CARROLL, Lewis. *Alice através do espelho e o que ela encontrou lá*. Tradução de Cynthia Beatrice Costa. Design de Marcela Fehrenbach. São Paulo: Poetisa, 2015, 140p. Tradução de: *Alice through the looking-glass and what Alice found there*.



Clarissa Prado MARINI¹
Doutoranda em Estudos da Tradução (PGET)
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
clarissamarini@gmail.com

Quando faço uma palavra trabalhar tanto assim
– Humpty Dumpty disse –, sempre pago hora extra.

Seis meses depois de ter se aventurado no país das maravilhas, Alice brinca com suas gatinhas enquanto a neve cai lá do lado de fora da janela. Ela faz de conta que o espelho é um portal e ao atravessá-lo Alice entra num mundo bem improvável.

263

Alice through the looking-glass and what Alice found there foi publicado pela primeira vez em 1872, sete anos após *Alice's Adventures in Wonderland*, mas foi escrito como continuação da primeira trama. Um grupo composto por quatro mulheres é responsável pela publicação de *Alice através do espelho e o que ela encontrou lá* (2015): a editora Juliana Lopes Bernardino, a tradutora (e também editora) Cynthia Beatrice Costa, a revisora de tradução Camila Artoni Gough e a designer Marcela Fehrenbach. Cada uma delas tem um espaço de fala – ou de escrita – nos quais descrevem um pouco do processo editorial em notas de início do livro. O espaço dedicado a elas já revela algo sobre o estilo que a Editora Poetisa vem imprimindo em suas publicações.

A tradutora Cynthia Beatrice Costa é doutora em Estudos da Tradução (UFSC) e mestra em Literatura e Crítica Literária (PUC-SP). Sua pesquisa de mestrado foi dedicada à análise de quatro traduções da obra que ficou conhecida no Brasil como *Alice no país das maravilhas*. Em sua dissertação, Cynthia comenta que “O texto de Carroll não vê a criança como um adulto não-formado e desafia o leitor por meio de uma linguagem lúdica, mas não pueril” (COSTA, 2008, p. 15). Ainda que estivesse falando mais especificamente do caso de *Alice no país das maravilhas*, o mesmo vale para *Alice através do espelho*, que tem características em comum

MARINI. *Alice através do espelho e o que ela encontrou lá - Tradução de Cynthia Beatrice Costa*. *Belas Infieis*, v. 5, n. 3, p. 263-267, 2016.

com o primeiro livro, como os diversos poemas que permeiam a narrativa, os inteligentes jogos de palavras e a presença do *nonsense* para a composição do mundo fantástico de Carroll.

A linguagem literária composta pelo autor não subestima o leitor infantil e juvenil e da mesma forma procede a linguagem da tradutora. Alguns exemplos disso são o registro de língua usado na narrativa que se equipara ao do texto em inglês, os nomes próprios como Tweedledum e Tweedledee ou Humpty Dumpty que permanecem com sua grafia original e ainda os diversos poemas que foram traduzidos de maneira minuciosa. É possível perceber o esforço ao reconstruí-los no português brasileiro usando os mesmos campos lexicais e grau de formalidade de cada poema além de usar recursos formais semelhantes aos usados no original. Vale destacar que os poemas ganharam esquemas de rima e ritmo próprio na tradução, como prometido na nota da tradutora.

É possível identificar a presença de algumas marcas do português brasileiro que colorem a tradução como as palavras borocoxô (tradução de *rather sadly*), maria-fumaça (*steam-engine*), treco (*thing*), tropicavam (*stumbled*) e ainda expressões como “caminhou à beça” (*she went on and on, a long way*), “faça cafuné” (*smooth her hair*) ou a interjeição “barbaridade” inserida na fala de um dos personagens. Cito ainda a solução encontrada para “*white and brown bread*” que em português viraram “pão e broa” ou ainda o verso “comê-las como pamonha” que aparece num dos poemas e o simpático uso do diminutivo no diálogo: “- Que memoriazinha fraca a sua, só funciona para trás – comentou a Rainha” (*‘It’s a poor sort of memory that only works backwards,’ the Queen remarked*). Outro exemplo dessa abordagem da tradutora está no trecho em que Tweedledum e Tweedledee dançam em roda cantando a música popular infantil *Here we go round the mulberry bush*. No texto em português, Cynthia Costa escolheu a música “Alecrim dourado” para compor a cena, o que estabelece uma referência mais direta a uma brincadeira de ciranda para o leitor do que a música inglesa, considerando um texto publicado no Brasil.

Algumas outras soluções de tradução chamam a atenção quando se faz o cotejo com o texto em inglês, como num trecho em que são usadas palavras iniciadas pela letra “H” numa assonância causada pela repetição do uso das palavras “*ham sandwich*” e “*hay*”. Mesmo que em português não tenhamos a mesma pronúncia para o “H” em início de palavras, a assonância foi recriada com as palavras “hortaliça” e “hortelã”. A tradução criativa de Cynthia Costa também se fez presente na recomposição da brincadeira com as palavras “difíceis” que Humpty Dumpty explica para Alice (p. 82). São palavras imaginadas pelo autor, compostas por radicais ou afixos já existentes, mas formando novas palavras com uma definição própria de Carroll

dentro do universo do espelho e recriadas em português pela tradutora. Outro desafio resolvido na tradução aparece na fala *'She's a dear good creature,' he repeated softly to himself, as he opened his memorandum-book. 'Do you spell "creature" with a double "e"?'* , na qual a palavra *"creature"* é alvo de dúvida quanto à ortografia. A expressão *"dear good creature"* foi traduzida por "doce de pessoa" e para reproduzir a dúvida de ortografia foi destacada a palavra "doce" no texto brasileiro: "– Escreve-se "doce" com dois Ss? "

Os trechos citados são apenas alguns exemplos das soluções encontradas pela tradutora para realizar seu projeto tradutório que se baseia no seguinte entendimento sobre as transformações pelas quais um texto é submetido ao ser traduzido, como ela mesma comenta em sua dissertação de mestrado: "Embora transformar para traduzir seja uma necessidade, não se pode perder de vista que essa transformação deve ser fiel ao que há de mais definidor na boa leitura: o despertar sensorial e intelectual do leitor" (COSTA, 2008, p. 86). Fica claro que a experiência de leitura do texto de Carroll é cara à tradutora e, por isso seu esforço em recriar os efeitos estéticos do texto original em sua tradução. Cynthia Costa comenta ainda em uma entrevista sobre o fato de que as palavras compõem uma unidade estética no texto literário e que o desafio está em compreender isso e conseguir produzir em outra língua algo semelhante (in COSTA e PEREIRA, 2014, p. 220).

Além da tradução, o projeto gráfico dessa edição merece comentário. Já na capa temos um indício da inovação da designer: uma superfície espelhada com o título do livro escrito em letras invertidas, como se estivesse sendo lido a partir de uma imagem refletida. Os números das páginas também remetem ao espelho: as páginas pares têm seus números escritos de maneira convencional, já as ímpares têm os números espelhados. Outra referência aparece quando Alice coloca a gatinha em frente ao espelho e as frases que descrevem o acontecimento aparecem lado a lado das mesmas frases repetidas, só que de forma espelhada. No texto há diversas outras inovações, como as variações da fonte usada e do tamanho da fonte para dar destaque a palavras "chave" dentro da frase e as falas da rainha e do rei vermelho escritas com a cor vermelha. Ao passar da leitura vamos encontrando intervenções cada vez mais ousadas. Na descrição a respeito da neve caindo do outro lado da janela, aparecem bolinhas miúdas salpicadas em marca d'água por todo o parágrafo; a pergunta que Alice faz à sua gatinha Kitty é escrita com a sequência de palavras formando um ponto de interrogação; a palavra "sorriu" está escrita formando um meio círculo que imita o movimento dos lábios num sorriso são alguns exemplos.

A intervenção no texto chega ao ponto de fazer a página 107 inteira ficar de cabeça para baixo, inserir espaçamentos entre parágrafos que não existiam no original e ainda redigir uma frase que, não respeitando a margem, passa da página 42 para a 43. Uma pena que neste último exemplo, por algum motivo de impressão ou costura das páginas, algumas palavras tenham ficado ilegíveis, o que não prejudica a leitura global do parágrafo. Outro exemplo bastante criativo é o diálogo que acontece sobre o jogo de xadrez, que foi escrito sobre um desenho das casas brancas e pretas do tabuleiro, cada fala dentro de uma das casas. Além de trabalhar a formatação do texto em si, as imagens têm lugar de destaque, como no início dos capítulos nos quais há figuras em preto e branco por vezes ocupando a página inteira, além de outras figuras coloridas usadas em alguns pontos específicos do livro.

O texto de *Alice através do espelho* é performático! Já o seria com uma formatação convencional, mas com este projeto gráfico as palavras, frases e parágrafos ganham outras dimensões, expandem as possibilidades da forma, da apresentação do texto – nos fazem lembrar dos poemas concretistas. Neste caso está claro o movimento das palavras enquanto portadoras de significados e provocadoras de significados, está em jogo o que as palavras dizem e o que elas fazem, como nas palavras de Meschonnic (2010). A força das palavras escolhidas numa tradução e a criatividade na reescrita deste texto em particular remete a Humpty Dumpty (p. 81) dizendo que quando usa uma palavra “ela significa o que eu escolho que signifique; nem mais, nem menos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Patrícia Rodrigues; PEREIRA, Germana Henriques. Entrevista com Cynthia Beatrice Costa. *Belas Infieis*, Brasília, 2014, v. 3, n. 1, p. 215-22. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/viewFile/11982/8385> Acesso: novembro 2016.

COSTA, Cynthia Beatrice. *Versões de Alice no País das Maravilhas: da tradução à adaptação de Carroll no Brasil*. 2008. 129 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ⁱ Clarissa Prado MARINI – Bacharel em Letras – Tradução/Francês (2013) e mestre em Estudos de Tradução (2015) pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Currículo Lattes Clarissa Prado Marini. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4474411320594145>

RECEBIDO EM: 13 de dezembro de 2016

ACEITO EM: 21 de dezembro de 2016

PUBLICADO EM: Dezembro de 2016